



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS

DANIELLE RIBEIRO SOARES

**ROUSSEAU E A CONCEPÇÃO DE VIRTUDE COMO CRÍTICA ÀS
APARÊNCIAS DA SOCIEDADE NO ROMANCE: "JÚLIA OU A NOVA
HELOÍSA".**

MONTEIRO-PB 2014

DANIELLE RIBEIRO SOARES

**ROUSSEAU E A CONCEPÇÃO DE VIRTUDE COMO CRÍTICA ÀS APARÊNCIAS
DA SOCIEDADE NO ROMANCE: "JÚLIA OU A NOVA HELOÍSA".**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito avaliativo para à obtenção do diploma de Licenciatura Plena em Letras. Orientado pelo prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto.

MONTEIRO-PB 2014.

S676r SOARES, Danielle Ribeiro.

Rousseau e a concepção de virtude como crítica às aparências da sociedade no romance [manuscrito]: ‘Júlia ou a Nova Heloísa’ / Danielle Ribeiro Soares. – 2014.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

“Orientação: Prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto, Departamento de Letras”.

1. Sociedade Francesa Século XVIII. 2. Rousseau. 3. Romance – Júlia ou A Nova Heloísa. I. Título.

21.ed. CDD 801.95

Danielle Ribeiro Soares

**Rousseau e a concepção de virtude como crítica às aparências da sociedade no romance:
“Júlia ou a Nova Heloísa”.**

Monografia apresentada ao curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em
cumprimento à exigência para a obtenção do grau de
Licenciando em Língua Portuguesa.

Aprovado em 25 de novembro de 2014.

Otacílio Gomes da Silva Neto

Ms. Otacílio Gomes da Silva Neto – UEPB

(Orientador)

Cristiane Agnes Stolet Correia

Dr^a Cristiane Agnes Stolet Correia – UEPB

(Examinadora)

Joana Dar'k Costa

Ms. Joana Dar'k Costa – UEPB

(Examinadora)

MONTEIRO - 2014

Primeiramente a Deus e em seguida a uma pessoa muito especial em minha vida que muito me ajudou. Incentivando-me a dar sempre o melhor de mim em tudo, inclusive neste curso. Meu esposo e amigo Luciano. **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

Não poderia me abster de agradecer primeiramente a Ele: Deus. Meu grande e maior amigo que esteve comigo em todos os momentos. Pois sem Ele eu não seria quem hoje sou. Agradeço também ao meu esposo Luciano e minha filha Débhora que foram o alicerce e incentivo constante para que eu pudesse prosseguir sem titubear. A todos os familiares e amigos que direta e indiretamente me ajudaram de alguma maneira. A minha turma de Letras 2010.1 pela confiança e amizade que guardarei por toda vida. A UEPB pela oportunidade ímpar. A cada um dos professores que fizeram parte da minha formação e principalmente ao meu estimado professor e orientador Me. Otacílio Gomes da Silva Neto, por ter me concedido a honra de ser sua orientanda. Muito aprendi com ele e com todos os que estiveram comigo ao longo desses anos. Profundamente agradecida!

“Fiz o que tive de fazer, fica-me a virtude sem mácula e ficou-me o amor sem remorsos”
(Rousseau).

RESUMO

Este trabalho tem como foco de estudo o romance de Rousseau “Júlia ou A Nova Heloísa”. Nele será discutido filosoficamente o conceito de virtude e suas implicações morais como crítica às aparências da sociedade francesa do século XVIII, época do Antigo Regime na qual predominava socialmente a divisão da sociedade em classes de acordo com sua posição social ou linhagem. O presente trabalho traz uma discussão a respeito de como era esta sociedade que baseava suas relações nas aparências, onde seus indivíduos agiam de maneira dissimulada, ostentando muitas das vezes uma posição social e até mesmo uma vida baseada nesses comportamentos que Rousseau denomina-os de “vícios”. E é justamente para contrapor-se a essa maneira de viver da sociedade francesa do século XVIII que o romance em questão vai se debruçar. Nele iremos observar através de seus personagens qual o ideal de sociedade que Rousseau defende, Júlia uma das personagens e foco do nosso estudo será analisada como a mulher heroína no romance responsável pela manifestação do conceito no qual se debruça o romance: a virtude. Através de sua atuação observaremos como o pensador a idealizou de modo que suas ações refletissem um caráter nobre, moral e virtuoso que se opõe a toda essa vida encenada da sociedade francesa. Assim veremos ao final que o melhor caminho para alcançar a liberdade de uma vida aparente e teatralizada sustentada pelos vícios é a virtude.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Regime. Aparências. Rousseau. Sociedade. Virtude.

ABSTRACT

This study focuses on Rousseau's novel "Julie or The New Heloise". It discusses philosophically the concept virtue and its moral implications as a criticism against the appearances of the French society in the 18th century, a period of the Old Order when the division of the society in social classes according to social position or family predominated. The present work discusses how this society based its relations on appearances, where the individuals acted in a false and covert manner, often displaying a social position or even a life based on a behavior that Rousseau calls "addiction". The novel in question was written with the intention to counteract this manner of the 18th century French society. Through its characters we can observe the ideal society that Rousseau defended. Julie is one of the characters and this study analyses her as the novel's female heroine, responsible for the manifestation of the main object of the novel: the virtue. We observe how the philosopher idealizes her as her actions reflect a noble, moral and virtuous character that opposes the life staged by the French society. In the end we see that the best way to reach a life free from appearances and social theatre sustained by addiction is the virtue.

KEY-WORDS: Appearances. Old Order. Rousseau. Society. Virtue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
Rousseau, a crítica aos costumes da sociedade do <i>Antigo Regime</i>.	13
CAPÍTULO II	20
“Júlia ou A Nova Heloísa”: o retrato da obra e a defesa da virtude	20
CAPÍTULO III	31
A heroína Júlia como ilustração da virtude	31
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das artes e principalmente da arte como escrita estética de cunho literário, o ser humano tem a utilizado para diversas finalidades. Dentre elas podemos destacar que: umas servem à arte do humor, algumas para a promulgação de leis e outras atuam como instrumento de educação na formação do ser humano e de sua reflexão crítica.

Em cada momento da história, a arte literária tem servido a algum propósito social e cultural de uma determinada sociedade. Cabendo em muitos casos à literatura a representação da realidade. A arte literária nos permite que vislumbremos novas realidades a partir de uma perspectiva concreta e com isso nos faz refletir e repensar sobre nossa condição humana e sobre aquilo que nos configura como seres sociais. Conforme Candido (1972, p.805):

A literatura pode formar; longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, [...] ela age com o impacto indiscriminado [...] e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que ela atua [...], é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins. [...]. [Ela] é um dos meios [...] que [...] entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Dado o pretense caráter conscientizador e educativo da literatura, poderia ela juntamente com a filosofia atuar como um instrumento pedagógico, capaz de despertar no homem e na sociedade novas formas de viver e conviver? Poderiam a literatura e filosofia incentivar máximas da bondade e de valores morais capazes de promover reflexões em nome de uma sociedade virtuosa?

Parece ser essa a intenção dos pensadores do século XVIII francês. Primeiro que não havia uma nítida separação entre filosofia e literatura. Havia uma forte conotação pedagógica na poesia dramática e nos romances. A intenção era bem nítida: formar consciências numa sociedade ainda marcada pelas imposturas religiosas. Conforme Matos (2001, p.97):

Segundo uma fórmula bem-sucedida na época, o filósofo ‘é um homem que quer agradar e se tornar útil’. Isso quer dizer que a maior de suas preocupações é a sociedade em que vive, sua virtude por excelência é a *sociabilidade*, e a missão que o guia, incitar os demais a praticá-la.

Não seria arbitrário falar de uma missão do filósofo na “cidade”. Missão esta que visava libertar as pessoas das barbáries que ainda se perpetuaram ao longo dos séculos. A mensagem era anticlerical e tentava consolidar a racionalidade contra os fanatismos e preconceitos que eram presentes nas cidades. Para atingir esse objetivo, tudo que dizia respeito à divulgação das ideias por meio das belas artes era válida.

Daí que podemos nos referir a um papel político-pedagógico das belas artes, cujo intuito era o de instruir e libertar as pessoas da obscuridade. Subjacente a esse desejo havia o papel central da filosofia no Iluminismo. Novas formas de fazer teatro, contos, romances, revelavam a influência do filósofo escondido sob o manto do poeta, dramaturgo ou contista, conforme Matos (2001, p.97):

Quer dizer também que, para melhor convencer os homens, é preciso dialogar com eles, diversificar os meios de atuação, ganhar os salões, os cafés, as casas de espetáculo, a exemplo de Sócrates que frequentava a praça pública. Deste modo, o filósofo se torna romancista, contista, homem de teatro.

Rousseau como um pensador do século XVIII também não está à margem dessas intenções. Uma leitura superficial de suas principais obras pode nos levar ao erro de considerá-lo inimigo da filosofia, dos filósofos, romances e teatro. Não é nosso escopo aprofundar essas contradições envolvendo o pensador de Genebra. Ele soube como poucos usar a filosofia contra o dogmatismo filosófico em moda. A mesma atitude vale para outros domínios que inclui o teatro e a literatura.

Em Rousseau, vamos focar no tema: *Rousseau e a concepção de virtude como crítica às aparências da sociedade* a partir da análise do romance: “Júlia ou A Nova Heloísa” (1762). Será na “Nova Heloísa” que poderemos observar como o pensador se utilizou da arte literária (um romance de escrita epistolar) e da filosofia para trazer à tona certos valores que na sua visão estavam sendo negligenciados pela sociedade de sua época. Valores estes que dizem respeito à exploração do homem sobre o homem a partir da sua corrupção em sociedade e da degeneração da educação.

Nesse aspecto, o nosso principal objetivo ao analisar o romance citado é apresentar a temática da “virtude” como um dos valores centrais da obra justificando que sem ela, o homem adquire vícios e comete erros, na ânsia de atender as convenções sociais que só limitam e deformam as suas relações, dada a inversão da ordem dos valores morais que se haviam adquirido.

Mediante essas considerações iniciais e com base na leitura e análise na obra, nossa problemática residirá em observar como o conceito de “virtude” especialmente na sociedade francesa do século XVIII foi representado pelo filósofo em sua obra “Júlia ou a Nova Heloísa”.

Outro ponto de abordagem nos levará a desenvolver o conceito de virtude a partir da análise da heroína do romance cujo nome é Júlia. Tentaremos mostrar, inclusive que Rousseau escolheu Júlia como modelo de manifestação de tais valores, servindo de espelho para as mocinhas, senhoras e donzelas da época.

Levantamos a hipótese que foi Júlia propositadamente uma personagem idealizada pelo autor na tentativa de conscientizar a sociedade francesa da época a partir dos valores morais pautados na sinceridade, simplicidade e transparência. Sendo assim, este trabalho objetiva observar e analisar a importância do conceito de virtude através da figura da personagem Júlia no romance mencionado.

Após esta análise geral, pretendemos observar como Rousseau tentou no romance resgatar valores e sentimentos morais, apresentando a virtude com meio para tal finalidade. Para isso, pretendemos argumentar como Júlia se abstém da sua felicidade e realização amorosa para cumprir com os deveres familiares. Provando ao final que as atitudes da personagem analisada são de uma pessoa que está na contramão das expectativas sociais vigentes da sociedade francesa.

Desse modo, esse trabalho está subdividido em três capítulos. No primeiro capítulo, vamos fazer uma análise da sociedade do século XVIII para compreendermos a crítica de Rousseau ao *Antigo Regime*, este baseado numa divisão hierarquizada de classes ou ordens, na qual a diferenciação social entre os membros dessas classes era caracterizada pelos estereótipos que estes exibiam cuja virtude ou anti-virtude era a mentira e a falsidade.

No segundo capítulo o nosso foco será apresentar um retrato do romance “A Nova Heloísa”, que servirá como fonte para nossa pesquisa. Nele trataremos um enfoque de como se estrutura o romance, alguns dos personagens e das ações que os envolve para entendermos melhor o que seguirá no capítulo seguinte.

E finalmente no terceiro capítulo discorreremos a respeito da temática central da obra e como esta se evidencia por meio das atitudes da personagem Júlia para nossa análise no presente trabalho.

Justificamos que este trabalho é de grande relevância porque nele, se discutirá filosoficamente a respeito de uma temática que não se encerrou na França no século XVIII. Mas é ou deve ser parte constitutiva da formação social do homem civilizado que não deve

abrir mão de seus valores morais e de suas virtudes em prol da acumulação irracional e desenfreada de bens materiais, em detrimento da honra, da moral e da razão.

Creemos que o presente trabalho justifica sua importância por analisar um dos maiores romances da história da literatura universal, escrito por um dos maiores escritores e pensadores da época do Iluminismo francês. Ao escrever o romance, Rousseau conseguiu fazer com que sua obra viesse a tornar-se um dos livros mais publicados e lidos entre os anos de 1761 a 1880.

CAPÍTULO I

Rousseau, a crítica aos costumes da sociedade do Antigo Regime

O conceito de virtude em Rousseau se insere na sua crítica à sociedade do *Antigo Regime*. Este regime político era baseado na divisão de classes ou ordens como: a monarquia, nobreza e alto clero que antes da Revolução Francesa compunha o Primeiro Estado, a burguesia que compunha o Segundo Estado e o povo que compunha o Terceiro Estado. Tratava-se de uma sociedade rigidamente dividida entre estamentos que representava esses três segmentos sociais mencionados com laços de dependência inexoráveis.

Também era uma sociedade dinástica, já que o poder real era passado de pai para filho. Por fim, era uma sociedade na qual a consanguinidade determinava a condição social da pessoa. Desse modo, se alguém nascesse na classe inferior (povo), seria inferior até a morte. Outrossim, se se nascesse nobre, mesmo que tal nobre falisse, não perderia seu título e “status”. Não havia possibilidade de um pobre, mesmo que ficasse rico por alguma razão, tornar-se nobre.

A diferença entre estas três classes residia na maneira de trajar-se, nas formas de tratamento entre elas que refletiam na posição social na qual ocupavam na sociedade da época. A roupa determinava quem era o que. Era a fé cristã que dava legitimidade a toda essa hierarquização social, já que a fé era a autoridade suprema, contrariamente à razão defendida pelos pensadores do Iluminismo. Para Salinas Fortes (1999, p.19): “... é em mesmo movimento que se questiona a representação teológica do universo e a sociedade fortemente hierarquizada de que esta representação é uma expressão sublimada”.

No livro *Os Sentidos da Paixão* (1987) há um capítulo intitulado: “A Glória” no qual Ribeiro trata das características essenciais do Antigo Regime e faz uma relação da sociedade com a arte teatral e de como elas se convergiam no modo social de ser e de representar a vida artisticamente:

Antes da Revolução Francesa, não havia muita diferença entre a vida pública e a vida cênica: o social, o político, concebiam-se partindo de máscaras, de imagens, de representações, que os próprios atores podiam sabê-las mais ou menos falsas; porém que importância tinha a falsidade? Não é que a vida pública fosse mentira; é, simplesmente, que seria pequena a distância entre ela e a ficção (RIBEIRO, 1987, p.8).

Nesse trecho temos uma noção de quais eram os ideais e as máximas que se mantinham como paradigmas. É possível perceber que para esta sociedade cortesã, nem

sempre aquilo que se parece é. A mentira, a dissimulação e a falsidade faziam da vida um grande jogo no qual os atores eram inseridos.

Era uma sociedade marcada pela falsidade em um baile de máscaras que orientavam as atitudes das três classes. Para esta sociedade não importava a relação com o outro de maneira sincera e compromissada. Tudo girava em torno de interesses. A felicidade estava naquilo que os olhos podiam ver e naquilo que se aparentava ter.

Na sociedade do *Antigo Regime*, importava mais o espetáculo, o renome, ou seja, a honra e a virtude eram pautadas na boa imagem pública que se deixava transparecer. Como afirma Ribeiro (1987, p.1): “o que importa não é o que sou, é o que pareço ser [...]. Para um homem parecer ser honesto, convém ser honesto. As aparências não bastam, [porém] sem elas de nada vale a verdade íntima”.

A preocupação dos nobres era de prezar pela vaidade o que significava em manter as aparências, pois é isto que constitui na verdade a condição humana da sociedade em questão:

a sociedade da honra e da etiqueta é a que se costuma chamar de transição do feudalismo ao capitalismo. Ora, no plano dos comportamentos esse, período, [...] caracteriza-se pela imposição de padrões civis de conduta, incluindo o amor familiar e o processo de civilização de costumes [...] (RIBEIRO, 1987, p.4).

Ribeiro (1987) também enfatiza que os padrões de honra e de conduta estão pautados conforme a Fortuna (sorte). Se tudo já vem determinado “de cima”: riqueza, pobreza, títulos etc. a vida é um grande jogo de cartas na qual a sorte define quem ganha e quem perde.

Havia também uma espetacularização da sociedade, pois a vida era um palco em que as pessoas eram atores desse grande cenário que era o mundo. “[...] A vida se teatralizava [...], é na corte que mais se vive a vaidade, a importância das aparências, que na verdade marca a própria condição humana” (RIBEIRO, 1987, p.3). A hipocrisia era a regra. A honra estava relacionada à teatralização da vida. Quanto mais uma pessoa pudesse representar-se socialmente, mais ela era elogiada, o que implica numa inversão de valores já que a mentira e a falsidade eram as regras socialmente aceitas, ainda que sorrateiramente.

A imagem mais fiel desse modo de ser e de viver estava personificada na figura de Luís XIV, o “Rei Sol”, cuja famosa frase: “O Estado sou eu”, era o mantra das monarquias absolutistas. A forma como o Rei equilibrava os conflitos era marcante. Promovia bailes de máscaras para apaziguar uma nobreza insatisfeita, além de utilizar o seu charme que encantava a nobreza que ia ao palácio real só para vê-lo dançar sozinho, momento mais

esperado desses bailes, conforme Ribeiro (1987, p.2): “Luís XIV gosta de dançar; uma das cenas sublimes em sua corte é quando el-rei dança, sozinho, para a nobreza vê-lo.”

O canhão e o mosquete cediam lugar a suas perucas e saltos altos. Luís XIV fazia da corte um espetáculo incrível que encantava as forças políticas em disputa. Ele e Luís XV, seu sucessor, sabiam fazer da vida um espetáculo que dava prazer aos espectadores: “Seu sucessor, Luís XV, é famoso pela destreza com que cortava os ovos quentes, de uma só colherada, na refeição matinal; vinha burguesia de Paris vê-lo aos domingos” (RIBEIRO, 1987, p.4). Quem disse que os conflitos políticos não podem ceder aos encantos da vida? Luís XIV e Luís XV sabiam do poder que uma vida encenada podia exercer para amenizar as tensões: o baile, as máscaras, os espetáculos, o vinho, a cozinha, as vestimentas, a corte, a glória.

A glória entendida como encenação da vida servia para encantar a vida, afinal, qual é o sentido da vida? Numa sociedade cristã, os costumes “mundanos” tinham seu espaço, e a glória era parte essencial, conforme Ribeiro (1987, p.6):

É que, nos séculos XVII e XVIII, ela serviu de principal eixo para uma psicologia que insistia em como os homens vivem de opiniões, de aparências; como é importante que gostem de mim, que me amem pelo que pareço ser; o que constitui um jogo de aparências: eu pareço tal coisa à fulana, que parece me amar etc. Todo esse engate de intangíveis possuía grande eficácia.

A sociedade se sobrepunha ao indivíduo. Porém, os valores morais e sociais que fundamentavam essa sociedade já entravam em choque com os ideais da modernidade que sobrevalorizavam o indivíduo e o colocava num patamar significativo em relação ao estado civil.

A hierarquização das sociedades do *Antigo Regime* não possibilitava muitas oportunidades aos que não nascessem inseridos no Primeiro Estado. Não havia meritocracia, e a ideia de trabalho, tão importante no século XIX, ainda era desvalorizada já que ninguém ia a lugar nenhum pelo trabalho. Os modos de ser e de viver da aristocracia do *Antigo Regime* se impunha a tudo e a todos, conforme Revel (2009, p.187-188):

Numa sociedade que se reorganiza, que recompõe e reforça suas hierarquias e posições, tudo deve poder ser exposto e, portanto, corretamente avaliado. Desse modo, os pontos de aplicação da civilidade são por excelência os espaços em que se realiza claramente o ritual social.

A maneira mais eficaz que os pensadores modernos encontraram para combater essa sociedade aristocrática foi radical: vai da afirmação de uma condição humana anterior a qualquer sociedade até à crítica sistemática aos costumes aparente dessa sociedade. Nos dois casos, Rousseau tem uma contribuição fundamental. Porém, não nos cabe tratar da primeira afirmação mencionada acima. O nosso foco vai ser direcionado para a crítica de Rousseau às aparências da sociedade do *Antigo Regime*.

Isso ele faz já na sua primeira obra impactante, intitulada: “Discurso sobre as Ciências e as Artes” (1750). Nela, Rousseau começa a ler a história às avessas ao afirmar que as sociedades que mais cultivaram as ciências e artes, foram as que mais se corromperam e conseqüentemente entraram em declínio. É com espírito militante que Rousseau denuncia os costumes aparentes e corrompidos da sociedade do seu tempo, num tom escatológico:

Que cortejos de vícios não acompanha essa incerteza! Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século. Não mais se profanará com juramentos o nome do senhor do universo, mas será ele insultado com blasfêmias, sem que nossos ouvidos suscetíveis se ofendam com isso. Não se enaltecerá o próprio mérito, mas se rebaixará o de outrem. De modo algum se ultrajará grosseiramente o inimigo, mas jeitosamente o caluniaremos. Extinguir-se-ão os ódios nacionais, mas com eles irá o amor à pátria. A ignorância desprezada será substituída por um pirronismo perigoso. Haverá excessos proscritos, vícios desonrados, mas outros serão honrados com o nome de virtudes; impor-se-á tê-los ou afetar tê-los. Elogiará, quem desejar, a sobriedade dos sábios de hoje, quanto a mim, não vejo nisso senão um rebuscamento da intemperança, tão indigno de meu elogio quanto a simplicidade artificiosa de tais sábios (ROUSSEAU, 1983, p. 336-337).

O véu começa a ser retirado. Não é tarefa do pensador remar a favor da corrente. Aliás, é por isso que eles foram pensadores reconhecidos pela tradição. De súbito, um espanto se faz presente na vida e no olhar de Jean-Jacques. As coisas nem sempre são o que parecem, daí a sua entrega à denúncia das aparências que foram presentes ao longo de uma vida.

Contudo, Rousseau não foi o primeiro a denunciar as ambigüidades da sociedade ao opor o ser e o parecer. Mas esse problema em Rousseau atinge uma tonalidade diferente na medida em que toda uma obra é construída para recusar uma sociedade de máscaras e falsidades. Conforme Starobinski (1991, p.18):

A discordância do ser e do parecer revelou-se então a Rousseau ao fim de um ato de atenção crítica? Foi uma calma comparação que alertou seu pensamento? O leitor poderia ficar tentado a duvidar disso. Sabendo quanto o tema do parecer se tornara moeda corrente no vocabulário intelectual da

época, hesitará em admitir que a reflexão de Rousseau tenha encontrado aí seu ponto de partida autêntico e seu impulso original.

No *Antigo Regime*, a vida feliz estava em consonância com a possibilidade de aproveitar os prazeres que a própria vida oferece: comer, beber, amar. Rousseau é uma das vozes que se levanta contra esse tipo de prática que visava os momentos efêmeros de felicidade. De acordo com Ribeiro (1987) a felicidade na concepção de Rousseau consiste num estado de espírito e simplicidade e de renúncia à prática dos vícios que se tinham na sociedade do século XVIII, conforme citação:

No Antigo Regime, menos se buscava a felicidade que os prazeres. Rousseau faz, com muita veemência, o elogio da felicidade enquanto condena os prazeres: ‘as épocas dos mais doces gozos e dos prazeres mais vivos não são as que me despertam maior saudade. Esses curtos momentos de delírio e paixão, por vivos que sejam, não passam porém (devido a sua própria vivacidade) de pontos bem esparsos na linha da vida. São raros demais, demasiadamente fugazes, para constituírem um estado, e a felicidade por que meu coração anseia não se compõe de instantes fugidos – é um estado simples e permanente, que nada tem de vivaz em si mesmo, mas cujo encanto vai crescendo com a duração até nele se encontrar, finalmente, a suprema felicidade’. Tal felicidade é a recusa dos prazeres e das técnicas antes estudadas para obtê-los. A felicidade vai exigir, a partir de então, uma ruptura com os planos externos, com as regras sociais [...] (RIBEIRO, 1987, p. 8-9).

Como podemos observar o ideal de felicidade aqui não está baseado nas convenções sociais ou dependem de fatores externos ao indivíduo. Pelo contrário, a moral rousseauiana traz uma ideia de felicidade a partir da prática da virtude, do contato com a natureza e toda sua simplicidade que evoca no ser humano a intenção de mudança, de aspiração à prática do bem para si e para o próximo. Não se trata de mais um discurso puritano. A questão permanece intacta: “O que é ser feliz?”. Uma vida entregue ao luxo por alguns tem como consequência a miséria e a desgraça dos outros.

É por isso que em seu já citado: “Discurso sobre as Ciências e as Artes” (1750) impera o discurso de rejeição a qualquer forma de vida social baseada na aparência e na manutenção de qualquer sorte de vício. A esse jogo de manutenção das aparências pautadas na ostentação dos trajes, dos estereótipos e não das verdadeiras qualidades interiores do homem, Rousseau escreve:

Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, [...]! Mas quantas qualidades dificilmente andam juntas e a virtude nem sempre se apresenta com tão grande pompa. A riqueza do vestuário pode denunciar um homem

opulento; e a elegância um homem de gosto; conhece-se o homem são e robusto por outros sinais – é sob o traje rústico de um trabalhador e não sob os dourados de um cortesão, que se encontrarão a força e o vigor do corpo. A aparência não é menos estranha à virtude, que se constitui a força e o vigor da alma. O homem de bem é um atleta que se compraz em combater nu; despreza todos esses ornamentos vãos (ROUSSEAU, 1983, p.335-336).

Como observamos, a virtude se apresentará nas obras de Rousseau como um meio que pode conduzir o homem ao encontro de si, resgatando seus valores reais. Porém, compreender e vivenciar esses valores torna-se tarefa difícil dada à disposição do homem moderno em priorizar o vício e a aparência. Se a virtude não é inata, mas é uma construção civilizatória, o erro é considerar como virtude a vida cortesã: os jogos, os bailes, a mentira, a aparência. Não é por acaso que Rousseau afirma que: “a virtude constitui a força e o vigor da alma” presente no “traje rústico de um trabalhador” ao invés dos “dourados de um cortesão”.

O problema aqui é a autenticidade. O camponês se mostra quem é em toda a sua simplicidade. Ele encontra no seu dia a dia razões suficientes para a sua auto realização. Não é preciso uma imersão na vida da corte, ou ainda a entrega a uma vida intelectual. Para Rousseau, os progressos da civilização: ciência, técnica, artes e filosofia, são notórios e dignos de reconhecimento, mas, não são fins em si mesmos, já que o homem se perdeu. O que está em jogo é a condição humana e nessa condição os progressos da civilização na forma como estavam sendo desenvolvidos vão incrementar ainda mais a miséria, a desigualdade e a exploração do homem sobre o homem.

No romance “Júlia ou A Nova Heloísa” Rousseau vai discutir algumas dessas questões de forma didática, já que essa obra é interpretada como uma crítica a sociedade e a civilização europeia. Seu intuito é fazer com que o ser humano da sociedade do século XVIII, rejeite o mundo das aparências, que emprega valores viciosos que só corroboram para causar consequências nefastas à vida do indivíduo em sociedade.

Trata-se de um romance que valoriza a sinceridade, e dessa forma opõe-se radicalmente a uma moral de aparências. Nele, o conceito de virtude, um dos conceitos mais importantes da obra de Rousseau, ganha contornos definidos quando há um elogio à vida do campo, pautada na simplicidade e na sinceridade. Rousseau procura despertar o amor e o respeito pelo mundo exterior a partir da interação e da fusão entre homem e natureza. Ele afirma que é preciso:

Dar aos homens o amor de uma vida uniforme e simples, curá-los das fantasias da opinião, devolver-lhes o gosto dos verdadeiros prazeres, fazer-

lhes amar a solidão e a paz, mantê-los a alguma distância longe uns dos outros e, em lugar de excitá-los a se amontoarem nas Cidades, levá-los a se espalharem igualmente sobre o território para vivificá-los em toda parte (ROUSSEAU, 1994, p.33).

São por essas razões que a “Nova Heloísa” representa uma repugna a toda essa “encenação” vivida pela sociedade do *Antigo Regime*. No romance iremos observar que os personagens, apesar de inseridos nessa sociedade não seguem os costumes aparentes. Buscam a felicidade não somente suas, mas se realizam com a felicidade comum. Eles vivem em função do bem-estar em comunidade. É nesse sentido que poderemos observar inclusive a manifestação da mais terna virtude que não se compraz com a exploração do outro.

Como se observa, o elogio ao campo e à natureza presentes na obra seria na concepção do pensador, um meio para que os habitantes das cidades pudessem encontrar ou resgatar valores e sentimentos que haviam sido deixados após a convivência no meio urbano e após o desenvolvimento deste.

Nesse início de capítulo pudemos ter uma noção de como era a sociedade a qual Rousseau pertencia. Desse modo, poderemos entender melhor no capítulo seguinte qual o propósito do pensador ao escrever o romance: “Júlia ou A Nova Heloísa” e abordar nele, temas que nos induz à reflexão sobre a crítica à sociedade do *Antigo Regime* e a defesa da virtude contra as dissimulações e aparências.

CAPÍTULO II

“Júlia ou A Nova Heloísa”: o retrato da obra e a defesa da virtude

Após termos apresentado um panorama da época em que foi diagnosticada uma moral historicamente vigente pautada pelas aparências e dissimulações, com o intuito de entender o olhar crítico de Rousseau sobre essa civilização, o nosso foco nesse capítulo será o de apresentar um retrato do romance: “Júlia ou A Nova Heloísa” que servirá de preâmbulo para desenvolvermos o conceito de virtude na concepção de Rousseau.

Escrito em 1760 e publicado em 1761, o romance: “Júlia ou A Nova Heloísa” se constitui como sendo uma das obras mais significativas do século XVIII. Tornou-se também modelo para muitos outros romances subsequentes. Tal obra alcançou tanta popularidade que chegou a ser considerado um *best seller* no século XVIII, chegando a ter mais de cem edições.

Nesse romance epistolar, Rousseau trabalha vários temas pertinentes à sociedade da época como: a defesa de uma moral laica, mas que não despreza o cristianismo, a crítica à nobreza, a valorização do campo em detrimento da cidade, a crítica à racionalidade em defesa do sentimento, o culto à solidão e a crítica à desigualdade moral e política. O conceito de virtude no qual estamos desenvolvendo se insere num plano interdisciplinar, pois, de um lado, denuncia a dissimulação e as máscaras sociais, e de outro, defende a sinceridade nas ações humanas, além de intensificar o republicanismo ao fazer a apologia do humano em detrimento das instituições, conforme Bignotto (2010, p.95):

Durante muito tempo, Rousseau foi reconhecido como um grande pensador por ter retornado ao problema da sinceridade num século que se acostumara a fazer o elogio da dissimulação e das máscaras sociais. Em plena sociedade da corte, o pensador de Genebra introduziu em um dos seus livros mais famosos – *A Nova Heloísa* – a oposição entre amizade verdadeira e relações mundanas como um indicador do estado de corrupção das sociedades.

O romance é composto de Seis Partes, nas quais estão as 173 cartas. Rousseau decide escrever um romance epistolar, já que era uma técnica de escrita dos romances que fizeram bastante sucesso inspirado nas Cartas de Abelardo e Heloísa publicadas em 1697 e que faziam sucesso na época. Abelardo fora um filósofo que viveu no período da Escolástica medieval e que teve um tórrido e “trágico” romance com Heloísa para quem havia sido instrutor a convite do tio da jovem, o Cônego Fulberto, em Paris. Como punição a Abelardo, Fulberto manda castrá-lo, o que levou o Cônego a ser proscrito de Paris. Abelardo e Heloísa tiveram um filho de nome Astrolábio e terminaram suas vidas enclausuradas em ordens religiosas.

A primeira menção a Abelardo e Heloísa encontra-se na Carta XXIV da Primeira Parte. Na ocasião, o tema do amor e da virtude é mencionado quando Saint-Preux evita qualquer comparação a Abelardo, na medida em que elogia Heloísa, conforme citação:

Quando as cartas de Heloísa e Abelardo caíram em vossas mãos, sabeis o que vos disse dessa leitura e da conduta do Teólogo. Sempre lamentei Heloísa; possuía um coração feito para amar, mas Abelardo sempre me pareceu um miserável digno de sua sorte e com tão pouco conhecimento do amor quanto da virtude. Após tê-lo julgado, devo imitá-lo? Infeliz daquele que prega uma moral que não quer praticar! (ROUSSEAU, 1994, p.89).

O objetivo de Saint-Preux é o de afastar qualquer semelhança com Abelardo, porém há coincidências entre ambos, pois foram convidados a serem instrutores de belas e inteligentes jovens e acabaram por se envolver com elas. A lamentação recai sobre Heloísa, pois: “possuía um coração feito para amar”. Quanto a Abelardo, Saint-Preux tenta afastar qualquer possibilidade de comparação entre eles e o motivo é significativo: “Infeliz daquele que prega uma moral que não quer praticar”.

Mais uma vez é posto a contradição entre sinceridade e dissimulação, uma das bases que sustentam o conceito de virtude em Rousseau. Se, conforme Saint-Preux, Abelardo é colocado como mestre da dissimulação por dizer uma coisa e fazer outra, Saint-Preux deve seguir o caminho oposto. Este não pode se colocar na posição de um vil sedutor. O seu amor por Júlia é verdadeiro: “Não mais me pertenço, confesso-o, minha alma alienada está toda em ti” (ROUSSEAU, 1994, p.102).

Assim, “A Nova Heloísa” narra a história de Saint-Preux, um filósofo de origem social não mencionada no romance e que se torna o preceptor de uma jovem chamada Júlia, esta de família nobre, por quem ele se apaixona e passa a ser correspondido por esse amor. Os dois vivenciam o amor na Primeira Parte do romance, até tudo isso ser interrompido pelo pai da jovem. Ele era um aristocrata e, apesar de ser um bom pai e esposo, não admitia uma relação de igualdade com pessoas de outra origem.

Ao saber do envolvimento de sua filha com o filósofo, o Barão d’Etange passa a considerar o jovem Saint-Preux um plebeu inadequado para sua filha Júlia. O conflito se instaura a partir do momento em que os jovens são forçados a terminar todo tipo de envolvimento, já que Júlia pertence a nobreza e Saint-Preux aparentemente não pertence a esse segmento.

O Barão foi duro com sua filha ao não permitir que ela se envolvesse com um homem sem linhagem, o que gerou a indignação da heroína: “em seguida, informou-se sobre vossa fortuna, disseram-lhe que era modesta; sobre sua origem, disseram-lhe que era honesta. Esta palavra *honesto* é muito equívoca aos ouvidos de um fidalgo” (ROUSSEAU, 1994, p.80).

Os casamentos ainda se pautavam por contratos, um nobre tinha que se casar com um nobre, pois deveria se preservar a ordem social. Quanto às mulheres do povo, elas serviam de criadas, amas de leite, ou camponesas. Os homens da classe popular eram lacaios, faziam parte do baixo clero, artesãos ou camponeses. Estranho que Rousseau preservasse esse tipo de relacionamento conjugal quando Júlia se recusou a morar com Saint-Preux e manteve-se obediente ao pai casando-se com o fidalgo Sr. De Wolmar (na Terceira Parte), apesar de suas queixas após a decisão do pai:

Enfim, meu pai me vendeu? Faz de sua filha uma mercadoria, uma escrava, salda uma dívida a minhas expensas! Paga sua vida com a minha!... Pois, sinto-o bem, não sobreviverei nunca...pai bárbaro e desnaturado! Merecerá ele... quê, merecer? É o melhor dos pais, quer unir sua filha a seu amigo, eis seu crime. Mas minha mãe, minha terna mãe! Que mal me fez? Ah! Muito! Amou-me demais, perdeu-me (ROUSSEAU, 1994, p.97).

Neste trecho podemos constatar inclusive, que Rousseau mantém o domínio de uma sociedade patriarcal, já que a mãe de Júlia não pôde intervir nas tomadas de atitudes do esposo com relação ao futuro matrimonial da filha e conseqüentemente sua felicidade e realização amorosa. Isso dá a entender que Rousseau, na “Nova Heloísa” é menos tolerante com a moral de aparências do que com a sociedade segregada do *Antigo Regime*.

Contudo, esse casamento entre ambos não se dá de forma completamente autoritária, pois Júlia, sendo filha única, após recusar qualquer possibilidade de casamento junto ao pai, cede ante as lágrimas do seu querido progenitor: “Minha filha! Respeita os cabelos brancos de teu infeliz pai, não o faças descer com dor ao túmulo, como aquela que te carregou em seu seio. Ah! Queres matar toda a família?” (ROUSSEAU, 1994, p.308).

Mesmo que a casa dos d’Etange fosse predominantemente marcada pela nobreza e conseqüentemente, com a segmentação social, havia respeito destes com os criados que por lá conviviam. O Barão amava a filha e a esposa, do seu jeito austero, claro. Saint-Preux gozava de respeito e admiração, por bom instrutor e filósofo, até se envolver com a filha do Barão, como vemos mais detalhadamente no terceiro capítulo. Não há registro de castigo aos lacaios ou criadas. Nesse aspecto, podemos dizer que a casa do Barão não refletia os costumes da sociedade do *Antigo Regime*. Não era uma casa de aparências.

Contudo, não venceu o desejo, venceu o dever, conforme Júlia em uma de suas últimas cartas a Saint-Preux: “Oh! Meu amigo, se a vida é curta para o prazer ela é longa para a virtude” (ROUSSEAU, 1994, p.574). Apesar de Júlia amar Saint-Preux, não se casa com este, casa-se com o Sr. de Wolmar, desse modo obedecendo aos pais. Em outras novelas poderíamos ter outra situação: a jovem que rompe com os pais e a sociedade, e se entrega completamente ao amor de um homem. Se observarmos um precioso romance da época: “Manon Lescaut” (1731) de Abbé Prévost, temos uma situação completamente oposta. Nesse aspecto, é uma mulher sem linhagem (Manon) que leva um jovem aristocrata (des Grieux-que até se tornara padre) à loucura.

Tendo contato com a literatura da época, Rousseau quer escrever um romance em que a virtude entendida como transparência e dever deve estar acima dos caprichos e desejos. O dilema de Júlia é o “eterno” dilema humano: querer *versus* dever. A escolha de Wolmar feita pelo pai é cuidadosa e não é motivada apenas pelo dinheiro. De fato, Wolmar (personagem ora ateu, ora deísta) é um homem honrado no romance. Respeita a fé cristã de Júlia, sabe de seu passado amoroso com outro homem e não a condena por isso. Acolhe mesmo Saint-Preux em sua casa respeitosamente, viaja e deixa ambos sozinhos, tamanha confiança que ele tinha em Júlia e Saint-Preux, conforme citação:

A vantagem de ter uma mulher como a minha fez-me tentar meios que seriam impraticáveis com uma outra. Se a deixo com toda a confiança com seu antigo amante sob a única proteção da virtude, eu seria insensato se fixasse esse amante em minha casa antes de ter certeza de que tivesse para sempre cessado de sê-lo e, como poder ter certeza, se tivesse uma esposa que confiasse menos? (ROUSSEAU, 1994, p.440).

Pouco a pouco, um sentimento de confiança sincera reúne Júlia, Wolmar e Saint-Preux. Não podemos deixar de mencionar outras pessoas que fazem parte desse ciclo: milorde Eduardo e Clara (prima de Júlia). Wolmar chega a confiar à educação de seus filhos com Júlia, a Saint-Preux, conforme citação:

Não quis explicar-vos meu projeto sobre o jovem, antes que sua presença tivesse confirmado a boa opinião que dele concebera. Creio já poder confiar suficientemente nele para confiar-vos, entre nós, que tal projeto é o de encarregá-lo da educação de meus filhos (ROUSSEAU, 1994, p.439).

Fato que fora abalado devido à trágica morte de Júlia na Sexta Parte do romance. A heroína morreu ao salvar o filho que caíra num lago. Ela não morreu afogada, houve sequelas após a terem retirada desse lago: uma febre que a levou à morte. A criança sobreviveu.

O retrato da obra e seus personagens são construídos num contexto em que os fatores externos pouco ou quase nada interferem em suas convicções. Obviamente se trata de um projeto idealizado, já que Rousseau quer apresentar perfis distantes daqueles que ele via. Moretto (1994) ao falar sobre a obra e seus personagens esclarece que:

Os personagens da Nova Heloísa são seres de exceção, de alta generosidade e muito longe estão do homem comum e de suas intrigas. Têm eles uma grandeza e uma elevação que, mesmo em sua simplicidade (ou talvez por isso mesmo), nos lembram os personagens cornelianos. Assim, para fazer avançar a ação o autor, não querendo apelar para atos maus e condenáveis, apela frequentemente para os mal entendidos que o obrigam a abrir novas perspectivas no romance (MORETTO *apud* ROUSSEAU, 1994, p.13-14).

Neste romance Rousseau ousou construir uma micro sociedade que serviria de espelho para a sociedade da época. O romance também tem uma função pedagógica, e cabe a Rousseau construir esse espelho para que a sociedade pudesse contemplá-lo e até tomá-lo como referência paradigmática.

A troca de cartas não esconde nada de nebuloso. As verdades são reveladas e os protagonistas não cuidam de dissimulá-las, mas antes encaram a realidade em nome do dever e da virtude. Nada pode ser oculto. Júlia mantém suas correspondências com Saint-Preux, após seu casamento. Mas, nem por isso ela deixou de revelar esse segredo ao marido:

Em seguida, conduziu-nos ao seu gabinete onde quase caí das nuvens vendolhe tirar de uma gaveta, com as cópias de alguns relatos de nosso amigo, que eu lhe dera, os próprios originais de todas as Cartas que eu pensara ter visto Babi queimar outrora no quarto de minha mãe (ROUSSEAU, 1994, p.431).

Estes são o porte seguro das ações humanas numa sociedade movida por falsidades. Não nos cabe saber se a micro sociedade construída por Rousseau existiu ou se existirá algum dia. O próprio não foi tão transparente assim em sua vida de andanças, aliás os seus desafetos vez ou outra o questiona por isso.

Porém, não se pode retirar a beleza do romance, por essas razões. Apesar de não se poder ser transparente em tudo, ler a “Nova Heloísa” inspira o leitor a construir relações humanas mais confiáveis e respeitadas. Por tudo isso, o objetivo de Rousseau no romance é:

Encenar posições filosóficas, estéticas e morais com vistas a produzir uma revolução nas mentalidades. Ele retratou os costumes da alta sociedade, a vida no campo em oposição à vida na cidade, e educação das crianças [...], a comparação entre a música italiana e a música francesa, a vida cotidiana, o convívio em família, o bem-estar físico e espiritual proporcionado pelo contato com a natureza e, sobretudo, a pugna entre os ideais românticos e estóicos do filósofo, a luta entre a virtude e a felicidade. [Veremos que] a

ênfase impulsiva do amor cede lugar à virtude (HERMANN, 2013, p. 32-33).

O romance pode ser interpretado como a expressão do pensamento filosófico e teórico do autor, que nos oferece uma interpretação de uma micro sociedade distante da que veio a ser a sociedade da França na época. Partindo da premissa rousseauiana de que a civilização e a sociedade corrompem o homem e que é preciso a este recorrer ao sentimento e a natureza como meio de resgate a uma saudável condição moral e política, Rousseau apresenta a virtude como caminho de redenção para o homem civilizado:

Rousseau realizara a fusão entre o homem e a natureza a ponto de fazer dela o conteúdo da própria consciência. [...] Sabendo que o homem não pode mais voltar ao estado natural, Rousseau coloca seus personagens num ambiente campestre, rural, onde a pequena sociedade se entrega à criação, ao plantio, enfim, ao enriquecimento da natureza e não à sua destruição. [...] Rousseau desperta o amor e o respeito pelo mundo exterior (MORETTO *apud* ROUSSEAU, 1994, p.16).

E é na obra “A Nova Heloísa” que ele vai desenvolver o conceito da virtude sobre vários aspectos, como meio para se chegar a essa “redenção humana”. Tal conceito vai ganhar maior notoriedade, principalmente na figura da personagem Júlia, como veremos no capítulo seguinte. Esta figura feminina tem o poder de ascender a um plano de perfeição moral. Sendo capaz de manter-se além das máximas sociais e de às vezes conduzir os que estão a sua volta a uma verdadeira transformação interior. A atuação de Júlia é pautada não nas convenções sociais vigentes, mas ela é guiada pela virtude e a razão como meio de demonstração da honra e da moral. Apesar de a figura feminina não gozar de muito prestígio e poder de tomada de decisões na sociedade da época do romance.

Na “Nova Heloísa” vamos perceber que o que é narrado através de cartas não é apenas o sentimento arrebatador da paixão e do amor entre os jovens Saint-Preux e Júlia. Iremos perceber que os personagens se envolvem e acabam envolvendo os demais em causas (diga-se de passagem) sociais, morais e espirituais que são tão intensas quanto a história de amor envolvendo o casal. Através das cartas veremos como Júlia e Saint-Preux transcendem a um plano bem maior que a expressão do sentimento que existe entre ambos.

A vida no campo e na cidade; a vida simples e a intelectual; a virtude e os vícios; o sentimento e a razão foram alguns dos aspectos abordados por Rousseau na obra, por meio dos personagens idealizados pelo autor. Vejamos o que a obra nos mostra a respeito da vida simples dos habitantes do Valais (Suíça) que também é exortada por Saint-Preux em uma de suas viagens.

Na Carta XXIII, ele descreve a Júlia a sensação que sente em poder estar num lugar que lhe inspira proteção, paz interior e reflexão: “foi lá que desvendi, sensivelmente, na pureza do ar em que me encontrava, a verdadeira causa da transformação de meu humor e da volta desta paz interior que perdera havia tanto tempo” (ROUSSEAU, 1994, p.82-83). Saint-Preux descreve não apenas o encantamento da natureza no lugar. Mas relata sobre a humanidade dos valaisianos: pessoas hospitaleiras e desinteressadas que acolhem até mesmo o estrangeiro como se fosse um amigo próximo.

Nesse lugar impera o respeito e a cordialidade. Não há disputa por posição ou sequer ganância pelo dinheiro, até porque, o dinheiro é raridade na região. Não existe distinção entre patrão e empregado ou o desejo pelo consumo e a luxúria. O Valais e seus habitantes representam a idealização política por meio da inspiração literária de Rousseau quando liberdade e igualdade se deixam transparecer no *modus vivendi* dos habitantes. A virtude deixa de ser subjetiva e entra no domínio social e político. Há um lugar no mundo em que as pessoas podem ser felizes sem precisar explorar e dominar uns sobre os outros.

Ao contrário daquilo que Saint-Preux presencia na cidade de Paris, onde impera a vida luxuosa, bem como as desigualdades sociais, a miséria e a amizade baseada no interesse. “[...] é talvez no mundo a cidade em que as fortunas são mais desiguais e em que reinam, ao mesmo tempo, a mais suntuosa opulência e a mais deplorável miséria” (ROUSSEAU, 1994, p.211).

Nesta Carta fica clara a distância entre os habitantes do Valais e os habitantes de Paris. É possível perceber a crítica de Rousseau a sociedade parisiense, quanto ao modo de ser e pensar dos cidadãos. Nos círculos sociais por onde ele (Saint-Preux) passava, percebia as dissimulações, máscaras e mentiras que representavam o “ethos aristocrático” do “Antigo Regime”:

Nunca alguém diz o que pensa, mas o que lhe convém fazer pensar aos outros e o zelo aparente da verdade nunca é neles senão a máscara do interesse. [...]. O bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude têm apenas uma existência local e circunscrita. [...]. Há mais; é que cada um se coloca continuamente em contradição consigo mesmo, [...]. Têm-se princípios para a conversa e outros para a prática (ROUSSEAU, 1994, p. 212-213).

A sociedade parisiense do século XVIII aprofundava-se cada vez mais na escuridão dos vícios em meio a tantas “luzes de conhecimento”. Rousseau pôde falar com propriedade dos vícios e das máximas de virtude em cada um dos aspectos citados anteriormente, pois ele os vivenciou, tornou-se um indivíduo participante e observador de cada lugar. Nesse aspecto,

fica nítida a oposição entre cidade e campo. A cidade como lugar refinado: das ciências, artes, filosofia e teatro, mas paradoxalmente ambiente da dissimulação, da mentira, exploração do homem sobre o homem e desigualdade. O campo como lugar tosco, simples, mas lugar da inocência, transparência e felicidade.

As viagens de Saint-Preux além de fazer com que ele conheça costumes de povos diferentes também podem representar a busca de curar-se da sua dor ao se distanciar de sua amada Júlia, bem como pode revelar a viagem do ser humano em busca de si. Em busca de descobrir qual seu propósito e de que maneira ele poderia “curar” uma sociedade que estava tornando-se cada vez mais doente.

Assim, cremos que esses aspectos foram meios pelos quais o genebrino utilizou para mostrar à sociedade do século XVIII como a virtude estava esquecida entre os homens: “cegos em meio a tantas luzes”. Virtude essa que não estava pautada na falsa honra, nas atitudes mascaradas, nem na demonstração de etiquetas ou ostentação de vestes ou posição social.

Foi através de aspectos simples como, por exemplo, o jogo de comparações entre a vida no campo e a vida na cidade que Rousseau quis que a sociedade francesa enxergasse o que era bom e o que era mal. Não apenas como um reducionismo político do conceito de virtude, já que a reforma extrapola os limites da cidade, conforme citação:

Em Rousseau, a virtude se converte num ideal cujo alcance é muito mais vasto do que o da organização das cidades. Há nele uma confluência entre o ideal de uma sociedade virtuosa e o ideal de comunidades restritas virtuosas e até mesmo de indivíduos virtuosos, conferindo assim um sentido inusitado às suas ideias (BIGNOTTO, 2010, p.113).

Bignotto (2010) salienta que para que compreendamos as críticas que Rousseau tece à sociedade na qual vivia, é preciso que conheçamos um dos pontos fortes de sua filosofia: o tema da sinceridade. “[...]. Rousseau foi reconhecido como um grande pensador por ter retornado ao problema da sinceridade num século que se acostumara a fazer o elogio da dissimulação e das máscaras sociais” (BIGNOTTO, 2010, p.95-96).

E é partindo dessa reflexão que iremos perceber a importância do pensamento rousseauiano ao idealizar o enredo da “Nova Heloísa”. A obra surge justamente para contestar esse pensamento da época, de que a verdadeira amizade, a honra e a sinceridade nas relações dependiam ou estavam relacionadas a determinada classe social ou pessoa. A começar consigo mesmo, já que vivia-se numa época em que o Estado absolutista francês não

permitia o livre pensamento. Assim, muitos filósofos e escritores escreviam sob pseudônimos com o intuito de se protegerem das leis do Estado. Exceto Rousseau. Ele foi um dos únicos autores da época a assinar suas obras com seu próprio nome. Pagou o preço, é evidente.

Rousseau tentou mostrar que apesar da sociedade cortesã ser superficial e primar pelos estereótipos ela ainda podia ser “resgatada” desses vícios. Pois, vemos que os personagens Júlia, Clara, Milorde Eduardo e Sr. Wolmar, mesmo pertencendo à sociedade aristocrática, não deixaram que os bons costumes nem que suas virtudes fossem corrompidas.

Como exemplo da preservação dos bons costumes, do respeito e amor pelo outro, podemos citar a relação entre Júlia e sua prima Clara que apesar de pertencerem a nobreza e de estarem dentro de uma sociedade na qual as máximas eram a riqueza, a falsidade e a ostentação, elas mantiveram-se livres da hipocrisia.

Quando Júlia e Clara conversavam (por cartas) sobre o envolvimento de Júlia com seu filósofo, na qual a heroína relata o quanto havia se apegado a este e falava do receio que sentia ao temer que seu pai descobrisse, Clara sua prima e fiel confidente, a assegura que a despeito disso, Júlia não deveria se preocupar, pois a amizade e a honestidade que nutria por Júlia eram maiores que seu temor. Conforme a Carta VII da Primeira Parte:

Não desejo uma honestidade que traia a amizade, a fé, a confiança; imagino que cada relação, cada idade tem suas máximas, seus deveres, suas virtudes, que o que seria prudência para outros, para mim seria perfídia e que em lugar de nos tornarmos sábios, tornamo-nos maus ao confundir tudo isso (ROUSSEAU, 1994, p.56).

É nessa reflexão que reforçamos a importância do romance da “Nova Heloísa”. Ao ver toda a sorte de vícios que havia acometido a sociedade Rousseau traz no enredo de sua obra, justamente a oposição entre os vícios e a virtude e que era necessário se utilizar das próprias armas da civilização romance, filosofia, teatro, para criticá-la.

Ele utiliza a arte, mas desta feita para “humanizar” os homens, torná-los virtuosos outra vez. O romance vai nos mostrar que a verdadeira felicidade se encontra nas coisas simples, sem ostentação e belos discursos. E é nisso que constitui a virtude. Ela é a forma que Rousseau encontrou para conscientizar os homens, fazendo-os voltar, em parte ao seu estágio natural ainda não corrompido. E aqui se revela outro ponto importante do conceito de virtude em Rousseau: o dizer e o fazer.

Rousseau entende que a ciência e a filosofia e porque não dizer, o mundo intelectual do século se perdeu na medida em que o que se produzia em matéria de conhecimento não estava tornando a humanidade melhor. Antes, fomentava o pedantismo e a soberba de alguns privilegiados. A filosofia e a ciência estavam substituindo o papel já desgastado da religião, mas a humanidade continuava perdida dado o abismo existente entre conhecimento intelectual e vida real. E na base dessa dicotomia estava à ruptura entre o dizer e o fazer, conforme citação:

O homem de bem aqui não é aquele que faz boas ações, mas o que diz belas coisas e uma só palavra dita sem refletir pode trazer a quem a pronuncia prejuízo irreparável que quarenta anos de integridade não apagarão. Numa palavra, embora as obras dos homens não se assemelhem a suas palavras, vejo que não são descritos senão por suas palavras sem levar em consideração suas obras; vejo também que numa grande cidade a sociedade parece mais suave, mais complacente, mais segura mesmo do que entre pessoas menos afetadas; mas os homens nela serão realmente mais humanos, mais moderados, mais justos? (ROUSSEAU, 1994, p.230).

E é aí que a natureza vai ganhar grande destaque na obra. O conceito de natureza em Rousseau é amplo e complexo. Ela não é resultado de abstrações metafísicas ou ainda, ela não pode ser considerada como um estado inferior em relação à sociedade. Constantemente, Rousseau opõe sua voz à voz das instituições sem contudo estar seguro de sua origem bem como o de fato a natureza é.

Porém, Rousseau vai apresentar a ideia segundo a qual viver conforme a natureza é algo bom, virtuoso e puro. Ela se configura como o estado natural dos homens, antes de toda a luz do conhecimento e de qualquer ingresso na sociedade. A natureza humana foi sendo corrompida ao longo dos processos históricos a ponto de não se achar mais homens antigos em tempos modernos. A cada desenvolvimento histórico, a cada nova descoberta e conquista civilizatória, menos os homens sabem quem são e mais mergulham no parecer. Conforme Rousseau:

Sempre acreditei que o bom não era senão o belo posto em ação, que um estava intimamente ligado ao outro e que ambos tinham uma fonte comum na natureza bem ordenada (ROUSSEAU, 1994, p.67).

Desse modo, o conceito de bom e mau, independe da interpretação que a razão elabora. A depender dos interesses, uma coisa pode ser justificada racionalmente como boa ou má, por isso a razão não tem autoridade suficiente nesse assunto. Pode-se defender o homem desonesto e acusar o inocente utilizando-se de argumentos racionais, conforme citação:

Conheço as máximas que reinam, sobre este assunto, na alta sociedade, onde a virtude nada significa, onde tudo é apenas vã aparência, onde os crimes se apagam pela dificuldade de prová-los, onde a própria prova é ridícula diante do uso que os autoriza (ROUSSEAU, 1994, p.435).

A retórica e o discurso uma vez embasados na dissimulação e na mentira podem inverter a ordem das coisas, subvertendo as leis da natureza. O combate contra o desmascaramento se dá no plano da ação, da vida prática. Nesse plano, o camponês, o artesão, o pobre pode ter mais dignidade do que o rico, o intelectual ou o nobre, conforme citação:

[..] o bom e o honesto não dependem do julgamento dos homens, mas da natureza das coisas [...]. Nada é menos honroso do que essa honra de que tanto se orgulham, é apenas uma moda insensata, uma falsa imitação de virtude que se enfeita com os maiores crimes. A honra de um homem [...] não está em poder de um outro, está nele mesmo e não na opinião do povo; (ROUSSEAU, 1994, p. 148,149).

Como observamos as máximas dos homens de bem não servem aos julgamentos alheios nem se prestam às falsas honrarias. Elas se constituem na manutenção das relações pessoais, na verdade dos sentimentos, na tolerância e na razão que não se sobressalta ou suplanta o outro. Mas respeita-o e o considera apesar de suas decisões e atitudes.

Tais máximas podem ser observadas, por exemplo, na figura da heroína Júlia que apesar de religiosa, era casada com um ateu, mas nunca deixou de reconhecer nele uma honra e bondade incontestável: “o verdadeiro cristão é o homem justo, os verdadeiros incrédulos são os maus” (ROUSSEAU, 1994, p.600). É sobre esta heroína e sua maneira de influenciar os seus queridos de maneira virtuosa e verdadeira que iremos discorrer no próximo capítulo.

CAPITULO III

A heroína Júlia como ilustração da concepção de virtude rousseuniana

Na hora do matrimônio com o Sr. de Wolmar, na Carta XVIII da Terceira Parte de Júlia a Saint-Preux, a heroína se vê diante de uma situação complexa, entre o amor e o dever. Desde sua entrada no templo até o altar, a personagem se coloca numa situação de “imolação que nunca experimentara”. Ante o altar, em frente ao pastor, ao lado do pretendido e ao redor de amigos e familiares, Júlia teria que tomar uma decisão pela qual mudaria para sempre sua vida. Ela não titubeou, e assim narrou ao amigo, antes amante:

Quando o pastor perguntou-me se prometia obediência e fidelidade perfeita àquele que aceitava por esposo, minha boca e meu coração o prometeram. Mantê-lo-ei até a morte (ROUSSEAU, 1994, p.313).

Nenhum fio de esperança foi dado a Saint-Preux. Decidida, Júlia selou o seu destino. Quanto ao coração, ele ficou em segundo plano. A luta estava por terminar, e o casamento selava qualquer tentativa de volta ao passado. Um passado de desejo e paixão se choca com um presente pautado na obrigação. Mortificar-se em nome de uma causa é uma meta para poucos. Afinal, pode-se viver obedecendo às paixões e nem por isso ser feliz. Saint-Preux lê a carta de sua amada e vê qualquer fio de esperança em tê-la em seus braços e sua cama se acabar. A cada linha lida, a cada parágrafo terminado, o séquito em direção ao túmulo estava mais próximo. Enfim, a possibilidade real de uma vida a dois foi enterrada.

A obstinada Júlia continuava a redigir sua carta, com um certo remorso, é verdade. Mas sua fé na virtude, e sua certeza inabalável na convicção de que estava fazendo a coisa certa a impedia de voltar atrás. Não tem retorno. Conforme continuação da Carta do seu casamento destinada a Saint-Preux:

No mesmo instante, tomada por um vivo sentimento do perigo de que estava liberta e do estado de honra e de segurança no qual me sentia restabelecida, prosternei-me no chão, elevei ao céu minhas mãos suplicantes, invoquei o Ser de que ele é o trono e que sustenta ou destrói, quando lhe agrada, por nossas próprias forças, a liberdade que nos dá. Quero, disse-lhe, o bem que quiseres e somente és a fonte. Quero amar o esposo que me deste. Quero ser fiel, porque é o primeiro dever que liga a família e toda a sociedade. Quero ser casta, porque é a primeira virtude que alimenta todas as outras. Quero tudo o que se reporta à ordem da natureza que estabeleceste e às regras da razão que recebo de ti (ROUSSEAU, 1994, p.314).

E o amor entre ambos? Este continua, não dá para o dever e a virtude simplesmente eliminá-lo. Ele continua escondido dentro do mais íntimo de Júlia. Ela vai levá-lo consigo até o fim.

É com esse intuito que nesse tópico faremos uma análise de algumas características que consideramos essenciais, as quais servirão para denotar a caracterização da virtude na figura da personagem Júlia.

Iniciaremos nossa análise a partir da pergunta: quem é Júlia? Obviamente, algumas características da personagem foram citadas no capítulo antecedente. Mas, isso não nos impede de focarmos com maior rigor sobre essa personagem, interpretando-a como personificação da virtude. Veremos Júlia como filha, amante, amiga, esposa e mãe. Falaremos inclusive sobre sua condição social e religiosa. Cremos que estes aspectos em princípio sejam suficientes para chegarmos à constatação de que a personagem evoca a figura de heroína e manifesta um caráter virtuoso idealizado pelo autor.

Júlia d'Etange é uma linda moça de longos cabelos loiros que pertence à classe da alta nobreza suíça. Ela é uma jovem bastante educada e obediente aos pais, preza pelos bons costumes e pela relação familiar. Num trecho da Carta XX da Primeira Parte, podemos observar o valor que Júlia dá à convivência familiar. E que mesmo ela nutrindo grande carinho e amor por Saint-Preux, ela lida com esse sentimento de maneira racional, não deixando levar-se pelos desejos de aventuras. Mas antes, ela opta por estar na companhia do pai que havia chegado de viagem:

Não falemos mais de desgostos, meu bom amigo, ah! Respeitai e partilhai, antes, o prazer que sinto, após oito meses de ausência, em rever o melhor dos pais! Ele chegou quinta-feira à noite e não penso senão nele a partir desse feliz momento. [...], por que tuas cartas, tuas querelas vêm contristar minha alma e perturbar os primeiros prazeres de uma família reunida? Gostarias que meu coração se ocupasse de ti sem cessar, mas, dizei-me, o teu poderia amar uma filha desnaturada a quem os direitos do sangue e que as queixas de um amante tornariam insensível ao carinho de um pai? (ROUSSEAU, 1994, p.77).

Como bem observamos, a manifestação da virtude pode ser verificada nesta carta, a partir do momento em que Júlia se abstém de estar se correspondendo com seu amante, para então desfrutar do momento familiar em que reveria seu pai, após oito meses, ausente.

Nesta mesma carta, de Júlia a Saint-Preux, ela discorre a respeito da impulsividade dele e de sua ansiedade por notícias dela. Vimos que ele está descontrolado e impulsionado pelos sentimentos que o arrebatam, fazendo-o imaginar coisas que sucumbem a sua razão. Porém Júlia virtuosamente paciente, o acalma e sugere que ele tenha mais autocontrole e racionalidade diante dos entraves. E ao mesmo tempo ela reforça que não dedicará seu precioso tempo a ocupar-se de assuntos que não são mais importantes do que partilhar do

momento na companhia de seu amado pai. Na carta XXI da Primeira Parte Saint-Preux a enaltece quase a um plano divino:

Ah! É de vós que é preciso aprender tudo o que pode entrar de bom, de honesto numa alma humana e sobretudo esta divina harmonia da virtude, do amor e da natureza que nunca foi encontrada senão em vós! Não, não existe afeição sã que não exista em vosso coração, que nele não se distinga pela sensibilidade que vos é própria e, para saber em mesmo regular o meu, como submeti ainda todos os meus sentimentos aos vossos. Que diferença contudo, do vosso estado ao meu, dignai-vos repará-lo! Não falo da classe social e da fortuna, a honra e o amor devem, neste ponto supri a tudo. Mas estais rodeada de pessoas que amais e que vos adoram; (ROSSEAU, 1994, p.78-79).

Como podemos observar Júlia se configura como o ser especial que segue todas as máximas da honra e da moral. Saint-Preux reconhece que ao se submeter aos pedidos de Júlia, ele sente-se melhor. Pois, ele percebe que em seus pedidos há uma tentativa desta, fazer dele um ser humano melhor e mais sensível.

Observamos também na Carta IV da Segunda Parte, já quando o pai descobre o romance e a impede de continuá-lo, forçando Saint-Preux a viajar, ela escreve a Clara sua prima, relatando o dilema em que se encontra: fugir com seu amante, aceitando a proposta do amigo Eduardo de viver com Saint-Preux numa casa no campo ofertada por Milorde Eduardo; ou se aceita o destino imputado pelo seu pai e casa-se com um desconhecido sem amá-lo: “sabes que esposo meu pai me destina, sabes que laços o amor me deu: quero ser virtuosa? A obediência e a fé me impõem deveres opostos. [...] a quem preferir, um amante ou um pai? [...] não posso evitar de lançar um ou outro no desespero; sacrificando-me ao dever” (ROUSSEAU, 1995, p.185).

Nestas cartas nos deparamos com a dura prova que Júlia está vivendo. De um lado tem o desejo e a atração de permanecer para sempre ao lado de seu amado, caso aceite a proposta de fugir com ele. Por outro, temos o desafio que põe a prova seu caráter e sua moral como exemplos de sua conduta virtuosa. Diríamos que esses dilemas vividos por Júlia são na verdade, mecanismos utilizados por Rousseau para atestar a integridade do caráter e da virtude dela, como também comprovar a sua figura de heroína no romance.

Júlia pondera a situação em que se encontra, refletindo que enquanto seu coração deseja unir-se a seu amante, a obediência que ela tem aos pais e seu caráter moldado em bases religiosas a impede de reagir ao desejo do coração, sujeitando-a a ouvir a voz da razão. Ela

começa a traçar a meta fundamental de sua vida. Viver com o seu amor e romper com a família, ou ficar com a família e abandonar o seu amor.

Pelo que analisamos, podemos presumir dessa forma que, nas Cartas IV e V pertencentes à Segunda Parte do romance, temos a manifestação da virtude de Júlia através da renúncia a seus prazeres e felicidade em prol de cumprir com os deveres que os conceitos moral e religioso a impuseram, mas não apenas isto. Aqui observa-se também a ressalva da importância que Rousseau vê e faz do seio familiar como guardião dos valores morais que são fundamentalmente necessários à uma sociedade sadia e livre dos vícios.

Júlia é o tipo de personagem em quem todos os envolvidos no romance giram em sua volta. Ela é a manifestação da mais completa virtude. Rousseau tentou através de Júlia, educar a sociedade de sua época, sobretudo as mulheres, a quem o romance se destina. Foi uma forma que Rousseau encontrou de fazer com que a sociedade aprendesse a importância do amor ao próximo, já que segundo ele “nas grandes sociedades somente aprendemos a odiar os homens” (ROUSSEAU, 1994, p.27).

E não apenas Júlia, mas todos os outros personagens têm essa capacidade de despertar no leitor a observância da virtude. O que não dizer de Clara a prima, amiga e fiel companheira não apenas de Júlia, mas de Saint-Preux, a quem este a tem como sua prima também.

Poderíamos citar a excelência em virtude de Milorde Eduardo que mesmo se desentendendo com Saint-Preux, após uma noitada regada a vinho, o perdoa e ainda oferece parte de seus bens e terras para que Saint-Preux pudesse fugir com Júlia. Em uma Carta à Júlia, Eduardo lhe oferece abrigo e ajuda incondicional ao casal, como prova do carinho e amizade sincera que tem aos dois. Eduardo também exalta o casal de jovens de almas bondosas e virtuosas, que os mesmos servirão de exemplos de honra e virtude para os moradores humildes da região de Ducado de York:

Possuo, no Ducado de York, uma quantidade de terra bastante considerável que foi, por muito tempo, a morada de meus antepassados. O rio Ouse, que passa na extremidade do parque, oferece ao mesmo tempo uma perspectiva encantadora aos olhos e um escoamento fácil para as mercadorias; o produto da terra basta para manter honestamente o dono e pode duplicar aos seus cuidados. O odioso preconceito não tem acesso a essa região feliz. [...]. Vinde, modelo único dos verdadeiros amantes, vinde, casal amável e fiel, tomar posse de um lugar feito para servir de asilo ao amor e à inocência. [...]. Vinde honrar, com o exemplo de vossas virtudes, uma região em que serão adoradas e pessoas simples levadas a imitá-las (ROUSSEAU, 1994, p.184).

Já a Carta XVIII da Terceira Parte vai mostrar por sua vez, uma Júlia não mais abatida pela tristeza de ter sido afastada de seu amado, mas o reconhecimento por parte desta do valor e respeito que se deve dar à família. Aqui observamos a virtude manifestada através da sensatez e da obediência. Como também o reconhecimento dela do valor da fidelidade conjugal e da fé religiosa. A partir desse momento, após presenciar seu pai de joelhos rogando-a que cumpra a promessa que ele fez a seu amigo Wolmar, Júlia reconhece que precisa sacrificar o amor ao dever.

Quem me conservou a reputação e estima dos que me são caros? Quem me pôs sob salvaguarda de um esposo virtuoso, sensato, de temperamento amável [...]. Quem me permite, enfim aspirar ainda ao título de mulher de bem e me devolve a coragem de dele ser digna? Vejo-o, sinto-o, a mão caridosa que me conduziu através das trevas é a que retira de meus olhos o véu do erro [...]. Quero tudo o que reporta à ordem da natureza que estabeleceste e às regras da razão [...] (ROUSSEAU, 1994, p.314).

Esta carta nos mostra a aceitação de maneira sensata de Júlia ao matrimônio e a sua renúncia a todo amor e paixão dedicados à Saint-Preux. Nela Júlia faz uma espécie de despedida a tudo que viveu e sentiu por Saint-Preux e reitera dizendo que não há como sustentar um amor que seja amparado numa falsa verdade que:

Solapa todas as virtudes e dedica-se a justificar todos os vícios para autorizar-se a tê-los todos [...]. Dir-vos-ei mais. Tudo está modificado entre nós, é preciso, necessariamente que vosso coração se modifique. Júlia de Wolmar não é mais vossa antiga Júlia, a transformação de vossos sentimentos por ela é inevitável e somente vos resta a escolher, nessa transformação, de honrar o vício ou a virtude (ROUSSEAU, 1994, p.319-320).

Neste trecho e em toda a carta nós temos: a passagem e a transformação de uma Júlia que amou profundamente seu amante, aliado relatos do que ela sofreu por separar-se dele e por ter sido “oferecida” a outro como pagamento de uma dívida pelo próprio pai; para uma Júlia madura, convicta dos deveres que assumiria a partir do momento em que se casara com o Sr. de Wolmar, como também constatamos a humildade dela em reconhecer que seu pai havia lhe proporcionado através daquele casamento a possibilidade de ser uma nova mulher. De maneira que Júlia reconhece como algo providencial tudo o que ela vivenciou com Saint-Preux no seio familiar. Pois, toda a situação a prepararia para algo maior, que escapa às vontades e desejos, conforme citação: “É assim que tudo se torna sentimento num coração sensível. Júlia somente encontra no universo inteiro motivos de enternecimento e de gratidão” (ROUSSEAU, 1994, p.509-510).

Agora já mais ciente de suas responsabilidades no casamento e mais convicta de sua fé e de sua escolha, a Júlia d'Etange que Saint-Preux conheceu, morreu. É a Júlia de Wolmar que agora existe e que se despede de seu amado Saint-Preux. Ela é uma mulher que busca acima de tudo ouvir a voz da virtude. É uma Júlia que se tornará uma esposa e mãe dedicada a mostrar aos seus filhos e esposo o caminho para se alcançar a verdadeira felicidade, conforme citação:

É preciso renunciar a nossos projetos. Tudo mudou, meu bom amigo, aceitamos esta mudança sem revolta, ela vem de uma mão mais sábia do que nós. Pensávamos em nos reunir: essa reunião não seria boa. Tê-la evitado foi um benefício do Céu, sem dúvida ele evita infelicidades (ROUSSEAU, 1994, p.634).

Pelo teor contido na carta acima, é possível observar como a virtude em Júlia mais uma vez é manifestada. Desta feita por meio da cautela, da renúncia a seus próprios interesses e da sabedoria em reconhecer que tudo que ocorreu foi para o bem não apenas seu, mas de todos.

Nesta carta reconhecemos a escrita de uma personagem madura e segura do que quer. Júlia já não se submete aos ardores da paixão que a consumia e a fazia desejar inclusive a morte, caso não ficasse ao lado de seu amado. Júlia reconhece mais uma vez que por muito tempo viveu feliz ao lado de Saint-Preux, e que esse tempo foi fundamental para que ela viesse a se tornar quem era.

Vimos que Júlia morreu ao salvar um dos seus filhos. Além de boa filha, amiga, amante e esposa, ela é também uma boa mãe, a ponto de se sacrificar por seus filhos. Com a sensação do dever cumprido e da honra assegurada, ela em seus últimos momentos de vida, escreve à Saint-Preux com orgulho do que havia se tornado o sentimento entre eles:

Meu amigo, faço esta confissão sem vergonha, este sentimento que permaneceu apesar de mim foi involuntário, ele nada custou à minha inocência, tudo o que depende de minha vontade escolheu meu dever. Se o coração, que dela não depende, vos escolheu, isso foi meu tormento e não meu crime. Fiz o que tive de fazer, fica-me a virtude sem mácula e ficou-me o amor sem remorsos (ROUSSEAU, 1994, p.634).

Enfim, Júlia ao final reconhece em Saint-Preux um homem que conseguiu alcançar também a virtude através das experiências pelas quais passou e também por meio do convívio com pessoas de caráter virtuoso a exemplo da própria Júlia e de seu esposo Wolmar. Contudo, Júlia em seu leito de morte fez renascer aquilo que estava no mais profundo de sua alma: o

amor por Saint-Preux não morreu. Ainda deu tempo dela lhe revelar esse “segredo”, uma dádiva da virtude:

Não sou mais eu que te falo, eu já estou nos braços da morte. Quando vires esta Carta, os vermes roerão o rosto de tua amante e seu coração onde tu não mais estarás. Mas minha alma existiria sem ti, sem ti que felicidade eu sentiria? Não, eu não te deixo, vou esperar-te. A virtude que nos separou na terra, unir-nos-á na morada eterna. Morro nesta doce espera. Sou por demais feliz por comprar, ao preço de minha vida, o direito de amar-te sempre sem crime e de to dizer ainda uma vez (ROUSSEAU, 1994, p.636 – Carta XII).

Há coisas que só acontecem por meio da pena de Rousseau. É por isso que ele tem as suas originalidades. Uma delas é fruto dos seus próprios paradoxos como este presente no romance. Afinal, que prazer há em levar uma vida contrária ao que se deseja, ainda mais quando esse desejo pode ser realizado? Júlia está perfeitamente curada mesmo quando permanece apaixonada por Saint-Preux, conforme Starobinski (2001, p.113)

Assim, a não-cura do amor ilegítimo (segundo a lei da razão e da sociedade) pode corresponder à cura da separação (segundo a lei da paixão). E a virtude, que foi nesse mundo o agente da proibição social, o princípio separador, será no outro mundo o princípio da reunião eterna.

Ao final, parece que Rousseau tem a intenção de demonstrar que era possível a Júlia manter um casamento feliz com seu marido, ao mesmo tempo em que mantinha uma amizade verdadeira e fraterna com o antigo amante. Rousseau quer nos mostrar que através de Júlia é possível agir de forma obediente aos deveres e ainda ser feliz. Não há garantias de que ela seria feliz se seguisse os seus desejos. É mais seguro atender a virtude do que as próprias inclinações.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho em que foi utilizado a fonte de pesquisa bibliográfica, partimos de uma análise conceitual abrangente a partir da investigação envolvendo as características da sociedade do chamado *Antigo Regime* baseadas em costumes em que vigoravam, aparências, falsidades e dissimulações.

Em seguida fomos para um plano intermediário no qual colocamos em evidência as críticas de Rousseau a essa sociedade a partir do conceito de virtude, conforme o romance: “Júlia ou A Nova Heloísa”. Chegamos a um plano reduzido ao analisar o conceito de virtude personificado na personagem Júlia, no romance.

Mediante o exposto, podemos concluir que ao escrever “A Nova Heloísa”, cremos que Rousseau procurou acima de tudo não apenas criticar os costumes da época. Mas procurou sim, através dos personagens analisar o coração humano, mesmo vivendo em meio a tantos preconceitos e sentimentos fingidos.

Observamos como ele procurou valorizar os sentimentos puros que provinham do coração e como esses sentimentos, a exemplo da amizade, do respeito, do respeito ao próximo, são fundamentais para preservar o homem de seus vícios.

Na “Nova Heloísa” o que impera é o discurso da simplicidade em toda a forma de viver, e é este discurso que se opõe a toda espécie de falsidade e hipocrisia, a exemplo da praticada pela sociedade aristocrática de Paris. Em repugna a toda essa vã maneira de viver e conviver em sociedade, apresentamos o romance de Rousseau com destaque para a personagem Júlia. Devido à dimensão temática e textual da obra e de nos oferecer inúmeras possibilidades de estudos, nos detivemos em escolher a personagem Júlia como foco de nossos estudos, pois observamos que ela é a manifestação mais concreta da virtude nesse romance de Rousseau.

Sua atuação na obra é permeada pela simplicidade, preservação da moral e dos bons costumes e principalmente do pensamento e atitudes amparadas pelo princípio da racionalidade. Júlia é a mulher que escolheu não abandonar suas virtudes, embora tenha entregue seu coração ao seu amante, apesar disto, ela resiste a todos as suas paixões e ímpetos para honrar e cumprir com seus compromissos como filha e posteriormente como esposa e mãe.

A intenção pedagógica do romance permanece, já que Rousseau tem o escopo de apresentar uma micro sociedade, composta de personagens como um todo idealizados, para a sociedade do seu tempo. De fato, o romance denso e complexo, adquiriu uma tiragem significativa para os padrões da época. Se a sociedade mudou, isso é outra história. Porém, isso não exclui a importância da “Nova Heloísa” como um romance de costumes que inspirou o movimento romântico e foi crucial para a difusão das ideias de Rousseau.

REFERÊNCIAS

- BIGNOTTO, Newton. **As aventuras da virtude**: as ideias republicanas na França do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antônio. Direitos humanos e literatura. *In*: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
 _____. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura: 1972, p.803-809.
- HERMANN, Nadja. Virtude e amor em Rousseau. *In*: **História da Educação [on-line]**. Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n.41, p. 29-42, set./ dez. 2013. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/39667. Acesso em: 02/09/14.
- MATOS, Franklin. **O filósofo e o comediante**: ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- PRÉVOST, Abade. **Manon Lescaut**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- REVEL, Jacques. **Os usos da civilidade**. “História da vida privada”, v.3, Philippe Ariès e Roger Chartier (orgs).São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RIBEIRO, R. Janine. A glória. *In*: CARDOSO, Sérgio [et al]. **Os sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROUSSEAU, J. –J. **As Confissões**. Tra. Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
 _____. **Júlia ou a Nova Heloísa**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec, 1994.
 _____. **Várias Obras**. 3ª ed. Coleção Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1983.
- SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.
- STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
 _____. **Jean-Jacques Rousseau**: A transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.